

Rosidelma Fraga
Veronica Prudente
Cátia Wankler
(org.)

**AFRICANIDADES, LITERATURAS
E MINORIAS SOCIAIS**

Appris
editora

SUMÁRIO

IDENTIDADE NEGRA, RESISTÊNCIA E MINORIAS SOCIAIS: A PESQUISA EM LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	11
IDENTIDADE E CULTURA AMAZÔNICA EM <i>MAD MARIA</i>: UM ESTUDO SOBRE O PERSONAGEM JOE CARIPUNA.....	31
<i>Marcilene Queiroz Cabral Santos, Cátia Monteiro Wankler</i>	
A DESCOBERTA DO SER MULHER EM <i>NIKETCHÉ</i>: <i>UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA</i>	47
<i>Felipe Thiago Cordeiro da Rocha, Verônica Prudente Costa</i>	
ONDJAKI E AFRICANIDADES PÓS-COLONIAIS	65
IDENTIDADE E FRONTEIRA: UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, DE MIA COUTO	77
HISTORIOGRAFIA, CÂNONE E EXCLUSÃO: TRAJETÓRIAS DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL... 91	91
<i>Anna Caroline Salignac Lima, Renata Beatriz B. Rolon</i>	
OLHAR PARA TRÁS, SEGUIR ADIANTE: O DILEMA DA PERSONAGEM ANDRESSA NO CONTO “CAIS-DO-SODRÉ”	109
<i>Altamir Botoso</i>	
IDENTIDADE E FRONTEIRA: <i>UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, DE MIA COUTO</i>	125
<i>Elaine de Sousa Soares, Adriana Helena de Oliveira Albano</i>	
LETRAMENTO E EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA SIMBIOSE IMPRESCINDÍVEL NA APRENDIZAGEM DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO	139
UMA LEITURA DECOLONIAL DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	157
<i>Raffaella Fernandez, Maria Aparecida Cruz de Oliveira</i>	

PENÉLOPES NEGRAS: MULHERES, POESIA E TECIDOS 173

Tatiana Pequeno

**TERREIROS DE MATRIZ AFRICANA OU AFRO-BRASILEIRA
NO BRASIL E EM RORAIMA: UMA REFLEXÃO ACERCA
DAS GARANTIAS JURÍDICAS E DE POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO... 187**

Jefferson Dias de Araujo

**A PRESENÇA DE FIGURAS MINORITÁRIAS EM MANOEL
DE BARROS, CUTI, MIA COUTO E SULEIMAN CASSAMO:
UMA ANÁLISE COMPARADA..... 207**

Rosidelma Pereira Fraga , Jayane Gomes de Oliveira

**COLONIZAÇÃO E TENTATIVAS DE APAGAMENTO DAS CULTURAS
INDÍGENAS: A VIAGEM DE HAMILTON RICE À GUIANA BRASILEIRA . 231**

Valtenir Soares de Abreu

SOBRE OS AUTORES 247

PREFÁCIO

A palavra "leitura" não remete para um conceito, e sim para um conjunto de práticas difusas. É uma palavra de significado vago: Por onde começar a examiná-la? [...] É preciso não ter método – e avançar golpe de vista, instantâneo: abrir entradas na palavra, ocupá-la por meio de sondagens sucessivas e diversas, segurar muitos fios ao mesmo tempo que, entrelaçados, tecem a trama de leitura.

(Roland Barthes)

O conjunto de textos que aqui se apresenta é resultado das atividades realizadas no âmbito do grupo de pesquisa Africanidades, Literatura e Minorias Sociais e de atividades de ensino, pesquisa e extensão que vêm sendo desenvolvidas em cooperação entre docentes e pesquisadores da Universidade Federal de Roraima e da Universidade Estadual de Roraima, em parceria com outros pesquisadores pertencentes às mais diversas universidades do Brasil. Tal iniciativa demonstra o esforço de profissionais comprometidos com o ensino público, gratuito e de qualidade, no que pesem as dificuldades pelas quais as instituições vêm passando.

A epígrafe de Roland Barthes se ajusta perfeitamente ao objetivo da publicação, que é o de promover as mais diversas leituras das africanidades, da identidade e da resistência, além do longo processo de exclusão de uma "maioria minorizada".

Encontramos trabalhos que tratam analiticamente sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa e a literatura brasileira numa perspectiva comparatista. Além disso, é feita uma justa homenagem à Carolina Maria de Jesus em seu centenário, a partir de uma abordagem decolonial. Carolina foi uma escritora que se fez como tal, a partir da resistência e da luta pela sobrevivência.

Assim, também têm lugar na publicação textos que discutem religiões de matriz africana em Roraima, debates sobre os mitos da Penélope em diversos escritores, o apagamento da mulher ao logo da formação da historiografia brasileira e a ascensão da crítica feminista, o letramento e a educação inclusiva. O volume fecha-se com um texto sobre a viagem de Hamilton Rice ao planalto da Guiana brasileira-Roraima que nos mostra criticamente o discurso do viajante estrangeiro sobre a região mencionada.

Leituras como essas nos fazem colocar em xeque o “mito da democracia racial”, de Gilberto Freyre, e leva-nos a crer que “o homem cordial”, de Sérgio Buarque de Holanda, instaurou-se desde a nossa colonização e ainda se faz presente na nossa sociedade na falta de oportunidades para todos. De acordo com o historiador, a cordialidade, ao eliminar as fronteiras entre o público e o privado, erigindo o patrimonialismo e as relações de familiaridade e amizade na composição de nossa sociedade, legou-nos uma estrutura social que não há uma verdadeira democracia nem uma sociedade mais justa.

Prof.^a Dr.^a Luciana Marino do Nascimento - UFRJ.

Rio de Janeiro, agosto de 2021.